



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 27/02/2026 e 05/03/2026

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
27/02/2026	11,57	315,50	61,29	5,91	4,38
02/03/2026	11,50	308,30	62,17	5,74	4,33
03/03/2026	11,55	310,50	62,27	5,72	4,34
04/03/2026	11,54	306,10	63,09	5,66	4,31
05/03/2026	11,63	305,60	65,32	5,82	4,41
Média	11,56	309,20	62,83	5,77	4,35

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	117,00	
RS – Não Me Toque	116,50	
PR – Pato Branco	117,00	
PR – M.C.Rondon	114,00	
MT – C.N.Parecis	99,00	
MS – Maracaju	109,00	
GO - Rio Verde	111,00	
BA – L.E.Magalhães	112,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	68,00	CIF
Porto de Paranaguá	65,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	56,00	
SC – Rio do Sul	61,00	
PR – M.C.Rondon	51,00	
PR – Pato Branco	55,50	
MT – C.N.Parecis	52,00	
MS – Maracaju	54,00	
SP – Itapetininga	68,00	
SP – Campinas	71,00	CIF
GO – Rio Verde	57,00	
GO – Jataí	57,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	56,00	
RS – Não Me Toque	56,00	
PR – Pato Branco	65,00	
PR – M.C.Rondon	61,00	

Período: 04/03/2026

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 05/03/2026**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	57,31	117,79	55,56

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
05/03/2026**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	53,14
Feijão (saco 60 Kg)	136,11
Sorgo (saco 60 Kg)	52,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,42
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,00**
Boi gordo (Kg vivo)*	11,47

(*) compreende preços para pagamento em 60 e 20 dias

(**) Referência Janeiro/26, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, continuaram subindo nesta primeira semana de março, embora com oscilações. Agora, também pressionadas pelo conflito armado entre EUA/Israel e Irã. Afinal, com o aumento nos preços mundiais do petróleo, a partir do conflito, o óleo de soja disparou em Chicago, superando a marca dos 65 centavos de dólar por libra-peso, cotação que não era vista desde o início de setembro de 2023, ou seja, há quase três anos. O farelo igualmente subiu, embora com menos intensidade, chegando a quase US\$ 320,00/tonelada curta já no final de fevereiro (a mais alta cotação desde a terceira semana de novembro/25). Com isso, o grão se manteve firme, atingindo a US\$ 11,63/bushel nesta quinta-feira (05/03), depois que a média de fevereiro/26 bateu em US\$ 11,23, igualando a marca de novembro/25, sendo que tal marca é a mais alta desde junho/24.

O novo conflito no Oriente Médio, iniciado em 28/02, acabou desvalorizando um pouco o Real, o qual passou, até o momento, de R\$ 5,12 para R\$ 5,26 no início da presente semana, recuando depois para R\$ 5,21. Todavia, isso pouco efeito trouxe aos preços internos da soja, diante de uma colheita recorde no Brasil, apesar de uma quebra estimada em 30% no Rio Grande do Sul. Assim, a semana teve preços oscilando entre R\$ 116,50 e R\$ 117,00/saco no estado gaúcho e entre R\$ 99,00 e R\$ 118,00/saco no restante do país. Um ano atrás, nesta mesma época, os preços internos da oleaginosa estavam, no Rio Grande do Sul, entre R\$ 127,00 e R\$ 129,00/saco, enquanto no restante do país estavam entre R\$ 103,00 e R\$ 129,00/saco. Ou seja, os preços atuais ainda estão entre 8,5% e 10% mais baixos do que há um ano atrás aqui no Rio Grande do Sul e entre 4% a 8,5% no restante do país. Se considerarmos a inflação do período, o poder de compra atual da soja cai ainda mais.

O mercado aguarda, além do desenrolar da guerra iniciada contra o Irã, o novo relatório de oferta e demanda do USDA, previsto para o dia 10/03.

Dito isso, na semana encerrada em 26/02 as exportações de soja, por parte dos EUA, atingiram a 1,1 milhão de toneladas, superando o esperado pelo mercado. No acumulado do ano comercial, os embarques estadunidenses da oleaginosa somam 26,2 milhões de toneladas, sendo 30% menores do que o registrado no mesmo período do ano passado.

Aqui no Brasil, como era esperado, o mercado começa a considerar a quebra de safra no Rio Grande do Sul e reduz a estimativa de colheita do país. Agora, o número final está em 177,7 milhões de toneladas. Mesmo assim a safra seria recorde, com 3,4% acima do registrado no ano anterior. Ajudou para isso o aumento de 1,5% na área semeada, a qual alcançou a 48,3 milhões de hectares no país (cf. Safras & Mercado). Mas é bom frisar que existem analistas ainda esperando uma safra nacional em 181 milhões de toneladas, em cima da ideia de que a quebra gaúcha será compensada pelo aumento na produção em outros estados do país (cf. Rabobank). Pelo sim ou pelo não, o fato é que se a redução de safra se confirmar, as exportações poderão ser menores, ficando ao redor de 105 milhões de toneladas, contra expectativas iniciais que superavam um pouco as 110 milhões. Em isso ocorrendo, os estoques finais de soja no Brasil, para este atual ano comercial, aumentariam, chegando ao redor de 14 milhões de toneladas. Um nível bastante elevado e que pressionará para baixo os preços internos, dependendo do comportamento do câmbio.

Por outro lado, a colheita da soja no Mato Grosso atingiu a 78,3% da área, estando ainda atrasada em relação ao ano passado, porém, acima da média que é de 71% (cf. Imea).

Em termos de Brasil, a colheita, até o final de fevereiro, estaria ao redor de 40% da área, contra 50% um ano atrás (cf. AgRural).

Por sua vez, levantamento feito pelo Projeto SIGA-MS, executado pela Aprosoja/MS, aponta que, até 20 de fevereiro, a colheita da soja da atual safra alcançou 27,7% da área acompanhada em Mato Grosso do Sul, o equivalente a aproximadamente 1,3 milhão de hectares já colhidos. Paralelamente, o plantio do milho segunda safra alcançou 30,5% da área estimada, totalizando cerca de 673.000 hectares. Dentre as regiões acompanhadas pelo projeto, a Região Sul lidera o avanço da colheita, com média de 33,5% da área já colhida. Na sequência, aparecem a Região Centro, com 21,0%, e a Região Norte, com 15,0%. Ao mesmo tempo, o projeto aponta que o plantio do milho safrinha avançava no Mato Grosso do Sul, alcançando média estadual de 30,5% da área prevista. A Região Norte apresentava o maior percentual de semeadura, com 32,6%, seguida pela Região Sul, com 30,7%, e pela Região Centro, com 28,6%. Para o Mato Grosso do Sul espera-se uma safrinha com 2,21 milhões de hectares semeados, uma produtividade média de 84,2 sacos/hectare e uma produção final, em clima normal, de 11,1 milhões de toneladas.

Enfim, a Anec espera que o Brasil exporte 16,1 milhões de toneladas de soja em março, superando as 15,7 milhões exportadas em março do ano passado. Isso, após o mês de fevereiro do corrente ano ter registrado volumes exportados menores do que o esperado, ficando em apenas 8,9 milhões de toneladas. O excesso de chuvas junto aos portos exigiu interrupção dos embarques o que impediu alcançar o volume previsto no mês passado, o qual superava as 10 milhões de toneladas. Em relação ao milho, após o país exportar 1,1 milhão de toneladas do cereal em fevereiro, é esperado um volume de 697.000 toneladas em março.

MERCADO DO MILHO

A cotação do milho, em Chicago, até o momento apresenta pouca alteração devido ao conflito entre EUA/Israel e o Irã. A cotação do bushel do cereal trabalhou entre US\$ 4,27 e US\$ 4,40 nas últimas semanas, ficando mais baixa do que um ano atrás, quando no mesmo período oscilou entre US\$ 4,40 e US\$ 4,80/bushel. O fechamento desta quinta-feira (05) ficou em US\$ 4,41/bushel, contra US\$ 4,33 uma semana antes. A média de fevereiro atingiu a US\$ 4,29, recuando 0,2% sobre a média de janeiro.

Os embarques estadunidenses de milho, na semana encerrada em 26/02, atingiram a 1,8 milhão de toneladas, superando as expectativas do mercado. Assim, o total do cereal já embarcado pelos Estados Unidos, no atual ano comercial, chega a 39,6 milhões de toneladas, ou seja, 45% acima do registrado há um ano no mesmo período.

E aqui no Brasil, os preços ensaiaram uma pequena recuperação, porém, sem sustentação por enquanto, diante do avanço da colheita da safra de verão e certas dificuldades de exportação, agora pioradas pelo conflito no Oriente Médio. No Rio Grande do Sul as principais praças praticaram R\$ 56,00/saco, enquanto no restante do

país os valores oscilaram entre R\$ 51,00 e R\$ 68,00/saco. Em termos de preço por aqui, segundo o Cepea, os mesmos só não estariam menores porque os produtores estão segurando o produto visando melhoria nas cotações e dando prioridade às vendas de soja.

Segundo a Conab, o plantio da safrinha, em todo o Brasil, se mantinha atrasado no início de março, com 65% da área esperada semeada, contra 70% no mesmo período do ano passado, porém, acima da média dos últimos cinco anos que é de 57,2%. Até então o Mato Grosso havia semeado 85,6% da sua área, Tocantins 70%, Goiás 62%, Maranhão 57%, Mato Grosso do Sul e Paraná 45%, Minas Gerais 31% e Piauí 28%. Já a colheita da safra de verão, em todo o país, atingia a 25% da área, ficando praticamente igual ao do ano passado e acima dos 23% da média dos últimos cinco anos. Até então, o Rio Grande do Sul havia colhido 75% da área, Paraná 42%, Santa Catarina 28%, São Paulo 7%, Bahia 6% e Minas Gerais 1%. Os demais estados ainda não haviam iniciado a colheita.

Em relação especificamente ao Centro-Sul brasileiro, a área semeada teria chegado a 66% do esperado até o dia 26/02, sendo este o índice mais baixo desde 2022. Um ano atrás o plantio atingia, nesta época, a 80% da área esperada. Já o milho verão estava com 36% colhido na região, contra 46% um ano atrás (cf. AgRural).

Em paralelo, o mercado acompanha de perto o conflito no Oriente Médio já que o Irã se tornou o principal importador de milho brasileiro. Se o conflito perdurar o Brasil irá destinar o produto para outros países, já que nosso mercado do cereal é bem mais diversificado do que o da soja. Em termos de participação, o Irã absorveu 9,08 milhões de toneladas de nosso milho exportado em 2025, ou seja, cerca de 20% de toda a exportação brasileira de milho no ano passado. Para o país persa, o Brasil é um fornecedor estratégico: aproximadamente 80% de todo o milho importado pelos iranianos têm origem nas lavouras brasileiras. Em contrapartida, o Irã também exporta componentes de fertilizantes para o Brasil. Em 2025, o país persa exportou 184.700 toneladas de ureia para o Brasil. Não é muito perto dos milhões de toneladas que importamos, mas um conflito que envolva este país provoca aumento de preços dos fertilizantes no mundo. Mas, existem suspeitas de que o Irã faça triangulações na exportação de ureia, o que deixaria o volume total por nós importado daquele país bem maior. É possível que cargas iranianas cheguem ao Brasil sob bandeira de países como a Nigéria, Omã ou Catar, para contornar restrições comerciais impostas contra o Irã (cf. Abramilho).

Enfim, a produção total de milho no Brasil, em 2025/26, está, agora, estimada entre 136 e 141,7 milhões de toneladas. Este último número superando de pouco a safra passada. A área plantada teria sido de 21,83 milhões de hectares. Em termos de safrinha, a produtividade média ficaria em 6.417 quilos/hectare. Isso remete o potencial de colheita da safrinha para 100,6 milhões de toneladas, ficando muito próximo do registrado no ano passado. Já a colheita de verão ficaria em 25,5 milhões de toneladas no Centro-Sul do país, quase um milhão de toneladas acima do registrado no ano anterior (cf. Safras & Mercado).

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, recuaram nesta primeira semana de março, após dispararem no final de fevereiro, chegando o primeiro mês a US\$ 5,91/bushel, puxadas pelas tensões no Oriente Médio. Após caírem para US\$ 5,66 no dia 04/03, o fechamento desta quinta-feira (05) voltou a subir, atingindo a US\$ 5,82/bushel. A média de fevereiro ficou em US\$ 5,48/bushel, sendo 5,8% superior à média de janeiro. Um ano atrás, a média de fevereiro/25 havia sido de US\$ 5,77/bushel.

Dito isso, o mercado do trigo continua sob tensão devido a continuidade do conflito armado entre EUA/Israel e o Irã, o qual se estende para outros países do Oriente Médio. Além da sensibilidade do mercado do trigo a este conflito, o mercado de fertilizantes é bastante atingido, assim como o custo da logística aumenta na medida em que o Irã fechou o estreito de Ormuz, por onde passam 20% do petróleo negociado no mundo. Mas, por enquanto, diante da abundante oferta mundial de trigo, seus preços internacionais ainda não sofreram muitas variações.

Por sua vez, na semana encerrada em 26/02, os EUA exportaram 344.272 toneladas do cereal, ficando dentro das expectativas do mercado. Em todo o atual ano comercial os embarques estadunidenses alcançam 18,6 milhões de toneladas, superando em 19% o registrado no mesmo período do ano anterior.

Vale, ainda, destacar que a Ucrânia realizou seus primeiros negócios com trigo da safra 2026, com preços entre US\$ 200,00 e US\$ 208,00/tonelada. Ou seja, é mais um produtor mundial entrando no mercado tritícola, fato que segura os preços internacionais e, por tabela, as cotações argentinas e brasileiras. “A Ucrânia é um dos principais exportadores mundiais de trigo e integra o chamado corredor de exportação do Mar Negro, região estratégica para o abastecimento de países do Oriente Médio e do Norte da África. Quando os preços começam a se formar nesse polo exportador, o mercado internacional passa a ter uma referência antecipada de valor. Para o produtor brasileiro, isso significa que oscilações no Leste Europeu podem afetar indiretamente: o valor do trigo importado; a competitividade do trigo nacional frente ao produto externo; a margem da indústria moageira; e o comportamento dos preços internos ao longo de 2026” (cf. Conab). Assim, preços baixos no mundo, com um Real valorizado como atualmente, isso significa importações baratas de trigo, impedindo aumento dos preços do cereal brasileiro.

Tanto é verdade que os preços internos do trigo se mantiveram ao redor de R\$ 56,00/saco, nas principais praças gaúchas, e entre R\$ 61,00 e R\$ 65,00/saco no Paraná.

Por outro lado, vale destacar que de “janeiro para fevereiro, os preços médios do trigo apresentaram movimentos distintos dentre os estados, sendo que em Santa Catarina e no Paraná as médias mensais caíram em relação às de janeiro, pressionadas por estoques confortáveis e pela baixa necessidade de demandantes de realizar compras no mercado livre. Já em São Paulo e no Rio Grande do Sul, os valores foram sustentados pela postura mais firme do vendedor, que limitou o volume disponível no mercado livre, e por perspectivas de maior demanda no curto prazo. Levantamento mostra que, em Santa Catarina, o preço médio foi de R\$ 1.146,62/tonelada em fevereiro, queda de 1,1% frente a janeiro/26 e de 18% em relação a fevereiro/25. No Paraná, a média mensal foi de R\$ 1.169,18/tonelada, com recuo de 0,8% no mês e de

17,6% no ano. Por outro lado, em São Paulo, o preço médio atingiu R\$ 1.291,83/tonelada, com avanço de 2,8% frente a janeiro, embora ainda 18,5% abaixo do registrado em fevereiro/25. E no Rio Grande do Sul, a média foi de R\$ 1.073,10/tonelada, com alta mensal de 2,1%, apesar da queda anual de 17,3%, em termos reais” (cf. Cepea).

Pelo sim ou pelo não, o mercado interno está operando abaixo da paridade de importação, com os moinhos, por enquanto, abastecidos. Com isso, os preços não reagem! Espera-se uma retomada das compras logo adiante, porém, a melhoria dos preços irá depender dos valores no mercado externo e do câmbio. O movimento de novas compras internas tende a se iniciar no começo de abril. Por enquanto, os preços internos, diante dos novos movimentos internacionais, estão mais baixos do que os praticados no mercado externo. Assim, fica evidente que o espaço de alta estará ligado à paridade de importação, pois esta funciona como um balizador dos preços internos. Esta paridade tem por base os preços internacionais e o câmbio praticado no Brasil. O Brasil deverá importar, em 2026, algo em torno de 7,5 milhões de toneladas de trigo. Segundo analistas locais, hoje o produtor brasileiro de trigo deve observar três aspectos: o comportamento do dólar, as cotações internacionais do trigo e o ritmo de retorno dos moinhos às compras. Em o preço interno se mantendo abaixo do valor de importação, a tendência é aumentar o preço do trigo nacional e vice-versa (cf. Safras & Mercado).